

## A CIRCULAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS ENTRE CRIANÇAS E JOVENS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>

Márcia Cabral da Silva  
Doutora (UERJ)

**RESUMO:** Neste artigo, examinam-se modos de apropriação do texto literário entre crianças e jovens na sociedade contemporânea. As obras literárias e os elementos materiais observados à luz do contexto histórico do qual derivaram indicam elementos relevantes, como mudanças e permanências no que diz respeito à materialidade do impresso, além da percepção de um tipo de mercado editorial atento às diversas facetas pelas quais se apresenta o leitor, personagem de grande relevância no enredo da história da leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** textos literários, crianças, jovens; sociedade contemporânea

**ABSTRACT:** In this article, it is examined the ways children and youth take into consideration literary texts in the contemporary society. The literary books as well as the material elements are observed at the light of the historical context from which they emerged. It is also observed how the changes and maintenances are regarded in relation to material aspects of the printing. Besides, it is relevant the understanding concerning the printing market, whose focus is often on the reader, a very important character in the history of reading.

**KEY-WORDS:** literary texts; children; youth; contemporary society

---

<sup>1</sup> Texto originalmente escrito para ser apresentado como palestra no I Simpósio Nacional de Grupos de Pesquisa em Estudos Literários (SINAGEL), realizado na Faculdade de Letras da Universidade Estadual de Maringá em 2009, e reformulado para fins deste artigo.

**Azul:** *Tróia*. Eu achei assim bem legal e tal. Agora o livro é diferente, bem diferente. Conta a história de uma maneira bem diferente.

**Cinza:** É igual a esse *Harry Potter* que está lá em casa! É o que eu tenho, **A Pedra Filosofal**. Gente, estava lendo o livro e não tem nada a ver com o filme! Nada a ver! Ai, eu parei! Parei pela metade.

**Vermelho:** Primeiro prefiro ler o livro e depois ver o filme, pra (...). Acho que explica detalhes; é bem melhor! Explica melhor o filme (...)<sup>2</sup>

(...) Era um livro de tamanho bem maior do que o comum dos de estudo, capa dura, marrom. Metia dentro o romance que lia no momento e passava o dia com ele aberto ostensivamente fingindo que preparava lições para o dia seguinte. À noite, enquanto ela conversava com as irmãs, sentadas ao redor da mesa da sala de jantar, lá estava eu, absorta no estudo, pensava ela. De vez em quando, porém reclamava: -Helena, não sei que estudo é esse seu, ouvindo conversa ao mesmo tempo, assim não pode aprender. Não respondia nada, mergulhada que estava na leitura apaixonante, de onde nem um canhão me arrancaria. (CARDOSO, 1974, p. 65-67).<sup>3</sup>

As práticas de leitura literária exercidas por jovens leitores no contexto contemporâneo da cosmopolita Cidade do Rio de Janeiro e aquelas de interesse da jovem Maria Helena Cardoso na pacata cidade de Diamantina nas primeiras décadas do século XX são emblemáticas das interseções entre Literatura e Sociedade. À luz da metodologia que aproxima esses campos de estudo, é possível refletir sobre formas de circulação dos textos em geral como também das obras designadas como literárias, tendo-se em conta aportes histórico-culturais.

O romance escondido no livro de estudo pela jovem Maria Helena, por exemplo, atesta um tempo e formas de sociabilidade curiosas, cuja protagonista – a leitura ficcional – significava um grande perigo ao exercício da imaginação. Assim, entre páginas furtivas e olhares de reprovação materna, nutria-se o imaginário de uma jovem leitora no início das décadas de 1900.

Não obstante as dificuldades rememoradas pela escritora, a modernização da sociedade e a literatura emergente passariam a emoldurar um cenário renovado. De um lado, a produção técnica se anunciava: nos cinematógrafos em números ainda rarefeitos, nos primeiros flashes da fotografia trazendo claridade às ruas mal iluminadas, na circulação dos primeiros automóveis deslocando os transeuntes para as calçadas. E, na outra extremidade, em meio à cultura letrada, já se podiam

---

<sup>2</sup> Grupo focal aplicado em uma escola de Formação de Professores, situada na zona sul da Cidade do Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 2008. Contou com a participação de cinco jovens (três jovens moças e dois jovens rapazes, cursando o 1º e 2º ano do curso médio). Participaram também os bolsistas de IC, que fizeram parte da pesquisa por mim coordenada *A Leitura do Jovem: Concepções e Práticas (2006-2009)*, Rodrigo Moreno, Gisele Isaias, Ana Carolina Veloso, Déborah Areias. Os alunos foram designados por cores, conforme as escolhas feitas por eles.

<sup>3</sup> Maria Helena Cardoso nasceu em Diamantina em 1903, fez o curso secundário em Belo Horizonte e, posteriormente, mudou-se para o Rio de Janeiro. Publicou seu primeiro livro, de caráter autobiográfico, **Por onde andou meu coração aos 64 anos**. Cf. LACERDA, Lilian. *Álbum de Leitura*. São Paulo: UNESP, 2005.

observar inovações nas páginas das revistas ilustradas, evoluções tipográficas na impressão de jornais, além de mudanças nos próprios temas fragmentados e veiculados nas páginas dos periódicos e obras ficcionais em circulação.

Para o que nos interessa de perto, convém atentar para as estratégias relativas à produção ficcional, como bem apontou a pesquisadora Flora Süssekind (1987) em ensaio emblemático sobre as transformações técnicas pelas quais se conformam imprensa e literatura no período que se convencionou chamar *modernização do Brasil*. A par dessas inovações técnicas, acompanham-se maneiras de se espreitar o novo cenário pelas frestas da escrita literária. As descrições pintadas por Lima Barreto acerca dos subúrbios da então emergente Cidade do Rio de Janeiro configuram interessante ilustração:

Espinhos e flores

Os subúrbios do Rio de Janeiro são a mais curiosa cousa em matéria de edificação de cidade. A topografia do local, caprichosamente montuosa, influi decerto para tal aspecto, mais influíram ainda, porém, ao azares das construções.

Nada mais irregular, mais caprichoso, mais sem plano qualquer pode ser imaginado. As casas surgiram como se fossem sementeas ao vento e, conforme as casas, as ruas se fizeram. Há algumas delas que começam largas como boulevards e acabam estreitas que nem vielas, dão voltas, circuitos inúteis e parecem fugir ao alinhamento reto com um ódio tenaz e sagrado. (...).

Marcham assim ao acaso as edificações e conseqüentemente o arruamento. Há casas de todos os gostos e construídas de todas as formas. (BARRETO, 1998, p.59-60)

O narrador detalhista não só esquadrinha as ruas do subúrbio carioca, como espreita as mudanças arquitetônicas a avançar pela cidade. No curso das descrições, traz ainda para o primeiro plano o rol de obras ficcionais que gozavam prestígio à época. Encenadas no enredo de **O triste Fim de Policarpo Quaresma**, permite-nos inferir a um só tempo o tipo de circulação de textos literários entre leitores fictícios e, por derivação, entre os leitores reais. O protagonista, mais conhecido por Major Quaresma, ganha vida nas detalhadas descrições - funcionário metódico da administração militar, um tipo visionário e idealista – e, aspecto importante, era possuidor de uma grande coleção de livros. Podia-se encontrar nas cerca de dez estantes que compunham a sua biblioteca obras de ficção nacionais a se perder de vista, como se pode acompanhar em:

(...) o bento Teixeira, da Prosopopéia; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muito outros. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major. (BARRETO, 1998, p.13).

A crer nas palavras do narrador, é possível recuperar tanto as obras que compunham as bibliotecas particulares de leitores da camada média da população à época quanto o acervo que indicaria prestígio relativamente aos livros de ficção nacional.

Todavia, a história tem ensinado, por um ângulo que lhe é peculiar, a não se confiar demasiadamente nos elementos da ficção, e o que não dizer das ideias de um inventado narrador? De tal maneira, a metodologia que cruza fontes documentais de natureza histórica e sociológica com fontes literárias tem fornecido resultados fecundos para a reconstituição de práticas de leitura antigas associadas às atuais.<sup>4</sup>

Pesquisas acadêmicas desenvolvidas à luz da metodologia que traça interseções entre Literatura, História e Sociologia privilegiam fontes documentais, de modo a recuperar tais vestígios, como frequência de leitores a bibliotecas; gabinetes de leitura; agremiações literárias; obras arroladas em catálogos antigos ou em anúncios registrados em periódicos; depoimentos e registros de leitores. A possibilidade de mapeamentos de tal natureza pode trazer contribuições para a reconstrução das práticas de leitura que já não existem a par de uma melhor compreensão das obras consideradas literárias e legitimadas pelas diversas instâncias ao longo da consolidação do campo literário, em particular, na visão do leitor, esse aparente desconhecido.

Na tentativa de realizar investigação apoiada na metodologia acima esboçada, desenvolvi a pesquisa *A leitura do Jovem: concepções e práticas* durante três anos, valendo-me de recorte contemporâneo e de metodologia qualitativa, de natureza etnográfica, associada à metodologia histórica e sociológica. A pesquisa foi realizada em duas fases. Na primeira, examinamos práticas e suportes de leitura em uma escola de nível médio de formação de professores, situada na zona sul da Cidade do Rio de Janeiro. Na segunda, investigamos uma escola particular, situada na zona norte da Cidade do Rio de Janeiro. Visamos, do mesmo modo, observar práticas, suportes de leitura, espaços e mediadores próximos aos jovens cursando a etapa entre o 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Com vistas a contribuir para as reflexões no âmbito do *I Simpósio Nacional de Grupos de Pesquisa em Estudos Literários* (SINAGEL), selecionei os principais resultados relacionados à leitura literária por parte dos jovens. Além da epígrafe mencionada no início do texto e extraída do

---

<sup>4</sup> Projetos como *Memória de Leitura* (coordenado pelas professoras Marisa Lajolo e Márcia Abreu), *A Formação do Leitor Literário* (coordenado pela professora Mirian Zappone), *Leitura para meninas e moças nas coleções da Livraria José Olympio Editora (1930-1950)* (coordenado por mim atualmente) são alguns exemplos de projetos baseados na mencionada metodologia.

grupo focal realizado na escola pública de formação de professores, destaco um trecho emblemático, colhido em meio aos relatos do grupo focal realizado na escola particular pesquisada.<sup>5</sup>

#### **Escola pública (Ensino Médio; formação de professores)**

**Azul:** *Tróia*. Eu achei assim bem legal e tal. Agora o livro é diferente, bem diferente. Conta a história de uma maneira bem diferente.

**Cinza:** É igual a esse *Harry Potter* que está lá em casa! É o que eu tenho, *A Pedra Filosofal*. Gente, estava lendo o livro e não tem nada a ver com o filme! Nada a ver! Ai, eu parei! Parei pela metade.

**Vermelho:** Primeiro prefiro ler o livro e depois ver o filme, pra (...). Acho que explica detalhes; é bem melhor! Explica melhor o filme (...)

#### **Escola particular (Ensino Fundamental 5º ao 9º anos)**

**Menina 2:** Eu gosto muito de comprar livros que eu já vi o filme. Vi que quando o filme é bom o livro também é bom. Porque o filme só existe por causa do livro. Então, eu comprei *Crepúsculo*, aí eu adorei, aí, eu li *Lua Nova*, *Eclipse*, e tô esperando lançar o *Amanhecer*. Vai lançar dia 27. Mas, eu também gosto de livros mais finos, quando eles não interessam tanto, porque eles são rápidos de acabar, sabe. E aí, às vezes, a gente até gosta da história no final.

**Menino 1:** Às vezes, irrita ficar lendo durante quatro meses a mesma história.

**Moderador:** E, então, o que é que vocês usam pra escolher um livro quando vão à livraria. Como é que vocês escolhem um livro?

**Menina 2:** É... na verdade, eu não posso falar que não é verdade que a gente sempre olha pro título. Se for um título chato, tipo os livros que a minha mãe lê. Tipo, *Quando Nietzsche chorou*, *Anatomia do corpo humano* um livro que tem umas três mil páginas. Eu enjoa.

#### **Risos.**

Os trechos destacados são exemplares de modos contemporâneos de se movimentar em meios aos acervos. Literatura com muita aventura, histórias adaptadas para o cinema, livros organizados em coleções e, não se pode esquecer, editores atentos ao ritmo de uma economia de mercado sempre ávida por uma nova aventura a ser lançada.

De tempos em tempos, as transformações históricas parecem inaugurar um novo ritmo para as produções culturais e para as formas de sociabilidade em relação ao impresso. As mudanças em curso no início do século XX encenadas nas páginas de **O Triste Fim de Policarpo Quaresma**, como observadas, parecem-nos hoje irrelevantes, tão acostumados com o cinema falado, com as ruas simetricamente pavimentadas, com o ritmo frenético dos automóveis de última geração.

---

<sup>5</sup> O segundo grupo focal foi realizado no espaço da biblioteca da escola. Além dos pesquisadores já mencionados, tomaram parte três meninas e dois meninos cursando a 8ª e 9ª séries. O grupo focal durou cerca de 1 hora.

A pesquisa ancorada em viés histórico-cultural, todavia, nos faz lembrar com frequência de que as mudanças relativas às práticas culturais incorporam continuidades e rupturas; pertencas sexuais, territoriais, geracionais. Haveria, por assim dizer, uma preocupação antes de tudo em compreender práticas e usos a partir de deslocamentos, conforme os diferentes níveis culturais dos grupos sociais considerados. As experiências de leitura dos jovens aqui observadas, por exemplo, já evidenciam algumas pistas para se entender dimensões tais como a apropriação de práticas de leitura inusitadas, modos originais de se comportar frente ao impresso, a composição de acervos que reúnem grande número de obras estrangeiras, relações entre literatura, cinema e jogos eletrônicos.

Verificam-se, portanto, redes de sociabilidade inaugurais que envolvem a um só tempo produção, circulação e recepção dos textos literários. Essas redes precisam ser lidas por meio de uma chave para além da perspectiva canônica, sob pena de se estabelecer total desencontro entre aquilo que se propaga sobre leitura e as práticas de leitura de fato realizadas entre os distintos grupos sociais.

De tal modo, não é de se estranhar, de um lado, a identificação na amostragem colhida de práticas de leitura diversas daquela que conhecera Maria Helena Cardoso, ao esconder o romance do campo de percepção e olhar de censura da mãe. Contemporaneamente, na designada *sociedade da informação*, lê-se de forma fragmentada, interrompe-se a leitura, observam-se impressos, que circulam por entre as diversas gerações, tal como **Crepúsculo**, **Eclipse**, **Lua Nova**, **Amanhecer**, de escolha do jovem; **Quando Nietzsche Chorou** ou **Anatomia do Corpo Humano**, de preferência da mãe leitora. De outro lado, constata-se a circulação de acervo bastante original, se comparado àquele reunido pelo nacionalista major Quaresma, mais interessado em preservar as obras de caráter nacionalista do que se movimentar em horizontes estrangeiros, como se pode constatar em tempos de globalização.

Observe-se, com mais detalhe, o acervo de que nos falam os jovens cariocas: a série **Harry Potter**, escrita pela inglesa J.K.Rowling, editada no Brasil pela Rocco, e que já se encontra no sétimo título. E, a crer nas listas das obras mais lidas que circulam na imprensa, encontra-se no topo e vendeu milhões de exemplares no mundo; **Crepúsculo**, **Eclipse**, **Lua Nova**, **Amanhecer**, outra série editada pela Intrínseca, que já se encontra no quarto título.

Ainda segundo os jovens leitores, há sempre uma relação bem próxima na apreciação entre o que se leu no livro e o que se experimentou pela contemplação do filme: “Vi que quando o filme é bom o livro também é bom. Porque o filme só existe por causa do livro” (Jovem da Escola

Particular). Quando acessamos os sites das editoras responsáveis pelos lançamentos, logo aparece uma malha multimídia, envolvendo jogos eletrônicos, filmes lançados ou prestes a serem lançados, blogs, comunidades virtuais, elementos novos e muito curiosos de serem observados. Por essas razões, não me parece a melhor estratégia ligada à política de leitura desconsiderar as recentes redes que fazem circular em um mesmo nível obra de ficção, filmes e jogos eletrônicos.

Diante da associação entre literatura e outras mídias, conviria pensar na ampliação do conceito de literatura para além das obras canônicas há décadas prescritas pelos professores, que costumam fazer parte do acervo das escolas, e, para as quais, muitos jovens “torcem o nariz”. O leitor, se não a última voz a legitimar a leitura literária mais envolvente, deveria ao menos ser o primeiro a ser ouvido em matéria de sedução no que diz respeito ao material ficcional, pois, segundo a severa crítica dos jovens leitores, aprendemos que:

**Cinza:** É igual a esse *Harry Potter* que está lá em casa! É o que eu tenho, *A Pedra Filosofal*. Gente, estava lendo o livro e não tem nada a ver com o filme! Nada a ver! Ai, eu parei! Parei pela metade.

**Vermelho:** Primeiro prefiro ler o livro e depois ver o filme, pra (...). Acho que explica detalhes; é bem melhor! Explica melhor o filme (...)

Se a leitura do livro é a que vem primeiro e afiança, por vários ângulos, o que se acompanha na tela, talvez a escola e os mediadores, professores, bibliotecários, pudessem ampliar um pouco mais essas associações entre literatura e as recentes mídias. Quem sabe assim o leitor, que reclama da distância entre o conteúdo da obra no suporte impresso e aquele veiculado nas telas do cinema ou vídeo, encontrasse razões para seguir adiante na leitura. Outra hipótese a ser considerada. Quem sabe se, conhecedores dos segredos em ambos os suportes, o leitor não descobrisse ânimo para uma leitura sem interrupções, à maneira da leitura que Maria Helena Cardoso realizava no início do século, passando o dia com o livro ao seu lado: “Não respondia nada, mergulhada que estava na leitura apaixonante, de onde nem um canhão me arrancaria”.

Chamam a atenção do mesmo modo as estratégias editoriais por trás dos sucessos de venda. Se o esquema das séries indicadas como as preferidas pelos jovens leitores não são absolutamente originais na história editorial, aprimoram-se estratégias de mercado. Tais estratégias não os deixam esquecer de que logo precisam adquirir um novo título da série, com promessas de instigantes aventuras encenadas pelos já tão conhecidos heróis. Isabelle e o charmoso vampiro, Edward, descrito nas páginas de **Crepúsculo** (2008) pela bem-sucedida escritora americana Stephenie Meyer e **Harry Potter** e sua saga, aventuras que transcorrem, em grande parte, na escola de magia e

bruxaria, idealizadas pela outra bem-sucedida escritora inglesa J.K. Rowling, por exemplo, são emblemas de protocolos de leitura (CHARTIER, 2000) que, desde a invenção de Gutenberg, no século XV, imprimem diferenciados ritmos à leitura.

Nas sociedades contemporâneas, esses ritmos desenvolvem-se por meio de requintes antes inimagináveis. Observem-se o clima de suspense e a expectativa relatados pelos jovens leitores, com muita disposição para a leitura intensiva de obras, contendo um sem-número de páginas:

**Menino 1:** E a Clara, ela fica o dia inteiro, a cada segundo livre que ela acha ela tá lendo um livro, até entre uma aula e outra. A gente chega assim: Clara, e ela manda a gente sair, é como se ela estivesse ali dentro da história. Mesmo quando a aula começou e a gente cutuca ela. Ela diz: sai, sai daqui.

(Risos)

**Menina 1:** A Bia conseguiu ler **Crepúsculo** em dois ou três dias.

**Menino 1:** Que horror!

A alquimia entre leitor e aspectos físicos da obra também não é um fenômeno recente. Faz parte de uma longa tradição na História da Leitura a associação que mantém autor, obra e leitor unidos pelas convenções materiais do impresso, arquitetadas, em grande parte, pelo editor, elemento do sistema literário o mais atento às demandas do mercado.

A estratégia de sedução do leitor pelo mecanismo de organização das obras em séries e em coleções tem sido estudada por diferentes perspectivas que tomam o livro e a leitura como objetos de investigação ao longo da história.

Conforme pesquisas no campo editorial (HALLEWELL, 1985; OLIVERO, 1999), as séries e as coleções visam a um público específico e, em função desse público, são pensados protocolos inscritos nos livros, como as imagens impressas nas capas, os prefácios, os títulos, os tipos de letras, de um lado. De outro, o conteúdo da obra, a temática, os personagens que se repetem de um título a outro, como no caso das obras de ficção, a escolha de nomes legitimados no campo para compor o conselho editorial das coleções ou mesmo coordená-la. Educadores, como Arnaldo Oliveira Barreto e Manoel Bergström Lourenço Filho, por exemplo, foram convidados a dirigir diferentes coleções que a Editora Melhoramentos viria a publicar ao longo das primeiras décadas do século XX, dedicadas à ficção para crianças, manuais escolares e textos sobre Educação (SOARES, 2009) Ainda no que diz respeito a políticas editoriais voltadas ao investimento em coleções para o público examinado, merecem destaque as estratégias desenvolvidas por parte da Companhia Editora Nacional no mesmo período (TOLEDO, 2009).

Em meio a representações de leitor e de leitura, os elementos mencionados emergem também de modo contundente das falas dos jovens entrevistados. De tal maneira, observa-se, dentre outros aspectos, que o jovem leitor atual conquistou livre arbítrio em relação à posse dos livros, além de se sentir profundamente seduzido pela organização dos livros em séries:

**Moderador:** E você se considera um leitor? (se dirigindo ao menino 2)

**Menino 2:** Mais ou menos. Depende. Bom, eu não gosto de ler muito; eu leio um livro e se alguém me der um livro eu começo a ler e leio. E eu não ligo muito. Mas se o livro não me acrescenta em nada eu não leio. Depende muito do conteúdo. Se ele tiver alguma coisa que me acrescenta, aí tudo bem. Mas eu gosto de ler por prazer também, por exemplo, **uma série de livros**. Eu li esse livro aqui *Sortilégio e a Dama da Magia* e ainda tem um terceiro.

**Menina 3:** O que é sortilégio?

**Menino 2:** É um livro.

**Menina 3:** Não. Mas o que significa?

**Menino 2:** Ah, fala aí. Eu quero falar da história. Aí, tipo, o livro é pequenininho e acho que o terceiro também. E eu não quero terminar de ler hoje. Porque eu não gosto que uma série acabe, e se eu tivesse mais tempo eu ficaria um dia pra ler uma série inteira de três livros.

Os debates sobre mudanças relativas à produção, à circulação e à recepção do impresso, da leitura e da leitura literária na *sociedade do conhecimento* ou *sociedade da informação*, como a denominam os sociólogos e os historiadores,<sup>6</sup> devem se acirrar consideravelmente, dadas as inovações tecnológicas que surgem a cada dia. Todavia, merece destaque a categoria, que parece transitar com absoluta desenvoltura entre maneiras antigas e recentes de se lidar com o impresso. O leitor, esse aparente desconhecido, talvez seja o personagem que deixe mais pistas pelos caminhos da história da leitura, se bem observadas.

---

<sup>6</sup> Conferir, dentre a vasta produção a respeito deste tema, por exemplo, BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 e também LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos**. São Paulo: Ática, 2009.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Lima. **O triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Record, 1998.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARDOSO, Maria Helena. **Por onde andou meu coração**. São Paulo: Record, 2007.

CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

LACERDA, Lílian. **Álbun de Leitura**. São Paulo: Unesp, 2005.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos**. São Paulo: Ática, 2009.

MEYER, Stephenie. **Crepúsculo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

OLIVERO, Isabelle. *L' invention de la collection*. Paris. L'IMEC; Maison des Sciences de L'Homme, 1999.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a câmara secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o cálice de fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a ordem da Fenix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o enigma do príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005

ROWLING, J.K. **Harry Potter e as relíquias da morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007

SILVA, Márcia Cabral da. **A leitura do jovem: concepções e práticas (2006-2009)**. Projeto de pesquisa. Rio de Janeiro, 2006.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Os irmãos Weiszflog em busca dos mercados escolares: identidade das edições Melhoramentos dos primórdios aos anos 70*. In: **Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial**. São Paulo: Edusp, 2009. v.1

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras. Literatura, técnica e modernização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções (1925 – 1980): entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: **Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial**. São Paulo: Edusp, 2009. v.1.